

MARINA ANDRADE SAYEG

COMPLEXO DE ÉDIPO “INVERTIDO”
Casos clínicos a partir de uma visão psicanalítica

Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Teoria
Psicanalítica

COGEAE- PUC/SP

2018

MARINA ANDRADE SAYEG

COMPLEXO DE ÉDIPO “INVERTIDO”
Casos clínicos a partir de uma visão psicanalítica

Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Teoria
Psicanalítica

Monografia de Conclusão do Curso de Especialização
em Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica - COGEAE
PUC. Orientadora: Ada Morgenstern

COGEAE-PUC/SP

2018

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial deste Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização por processo de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Data: _____

e-mail: _____

S274c Sayeg, Marina Andrade

Complexo de Édipo "invertido": casos clínicos a partir de uma visão psicanalítica . / Marina Andrade Sayeg. São Paulo: [s.n], 2018.
32f.

Orientador: Prof.^a Ada Morgenstern
Projeto de pesquisa para Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica - COGEAE PUC.

1. Homossexualidade 2. Complexo de Édipo 3. Castração
I. Morgenstern, Prof.^a Ada II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo III. Título

Aprovado em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Ada Morgenstern

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo trilhar o tema da homossexualidade nas obras de Freud, iniciando em 1900 sobre “A interpretação dos sonhos”, até ponto crucial em que estabelece a homossexualidade como uma saída pelo complexo de Édipo, chamando-a de Édipo “invertido”. Seguindo o pensamento de Freud, o complexo de Édipo será aprofundado e melhor esclarecido entre complexo de Édipo positivo, da qual sairá a heterossexualidade; e o complexo de Édipo negativo, da qual sairá a homossexualidade, ponto principal desse trabalho. O que suscitou um primeiro interesse nesse tema, foram casos atendidos em consultório particular, que em comum apresentavam a homossexualidade, suscitando uma hipótese para uma homossexualidade identificada com o feminino e o outro caso uma homossexualidade de cunho narcísico. A partir dessas hipóteses recorri a teoria psicanalítica podendo confirmar a interlocução da clínica com a teoria. E ainda foi possível pensar que, em ambos os casos, a transformação e a elaboração do complexo de Édipo pode continuar a acontecer, no sentido de um encontro com o sujeito autônomo.

Palavras-chave: Homossexualidade. Complexo de Édipo. Castração. Édipo positivo. Édipo negativo. Masculino.

ABSTRACT

The present work aims to trace the theme of homosexuality in the works of Freud, beginning in 1900 on "The interpretation of dreams", to the crucial point in which it establishes homosexuality as an exit through the complex of oedipus, calling it inverted oedipus. Following Freud's thought, the oedipus complex will be deepened and better clarified between a positive oedipus complex from which heterosexuality will emerge; and the negative oedipus complex, from which homosexuality will emerge, the main point of this work. What aroused a first interest in this subject, were cases attended in private practice, which in common presented homosexuality, raising a hypothesis for a homosexuality identified with the feminine and the other case a homosexuality of a narcissistic nature. From these hypotheses, I turned to psychoanalytic theory and could confirm the interlocution of the clinic with the theory. And it was still possible to think that in both cases the transformation and elaboration of the oedipus complex can continue to happen, in the sense of a meeting with the autonomous subject.

Keywords: Homosexuality. Oedipus complex. Castration. Oedipus positive. Oedipus negative. Male.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	PERCURSO DE FREUD PELA HOMOSSEXUALIDADE.....	10
3	ZONAS ERÓGENAS E A SEXUALIDADE INFANTIL	16
4	COMPLEXO DE ÉDIPO	18
5	DOS CONCEITOS À INTEGRAÇÃO: COMPLEXO DE ÉDIPO POSITIVO E NEGATIVO.....	21
6	ELUCIDAÇÃO CLÍNICA	24
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

1 INTRODUÇÃO

No tempo de Freud a atmosfera cultural de Viena estimulava a fascinação por doenças mentais e problemas sexuais. Freud foi um dos inovadores desse local e época, provocando mudanças significativas para aquela época e que repercutiriam até os dias de hoje. Uma de suas mudanças seria em torno da sexualidade. Com o passar dos anos, foi possível observar no trabalho da interpretação dos sonhos, com as históricas, com a sexualidade infantil culminando com o complexo de Édipo.

Segundo Bettelheim (1991) a grandeza cultural de Viena nesse período não nasceu exatamente ali, e sim, vieram das províncias e impérios próximos, Viena atraía cada vez mais moradores e estudiosos, por ser um centro cultural e por proporcionar uma educação ímpar. Foi nessa atmosfera de trocas imperiais e culturais e em meio a estudos e demais estudiosos tão capacitados quanto, que Freud escreveu e foi criando o seu legado psicanalítico.

Nessa singular cultura vienense, as maiores forças interiores eram tãntos e eros, a morte e o sexo. A formulação parece simples, mas a interação dessas forças não é nada simples; pelo contrário, é extremamente complexa, criando problemas psicológicos complicados e de longo alcance. A cultura vienense gostava de explorar tais complexidades psicológicas e as materializava em suas criações. Extrair o significado desses complexíssimos fenômenos psicológicos até então desconhecidos, obscuros e ocultos de forma a se poder entendê-los e talvez até dominá-los, era a questão central da cultura vienense. (Bettelheim, 1991, p.12)

Ao longo dos textos de Freud, percebeu-se maior interesse e compreensão sobre a temática da homossexualidade. No primeiro momento patologizando-a e, depois, chegando a conclusão de que a inversão não é uma doença. Para começar a entender um pouco mais sobre a temática da homossexualidade, é imprescindível esse caminho de Freud por esse tema tão rico que é o complexo de Édipo. Transpassando pelos conceitos de bissexualidade, identificação, complexo de castração entre outros presentes na teoria Freudiana.

Freud (1905) em seu texto “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade” afirmou que somente a vida sexual do menino havia sido explorada, deixando para posteriori a investigação feminina, nesse presente trabalho abordarei o percurso do complexo edipiano e suas possíveis resoluções para o menino.

Seguindo os pensamentos de Freud, há um sexualidade pré-genital, perversa polimorfa, da qual vai se desenvolvendo para as primazias das zonas erógenas,

primeiramente a oral, anal e fálica. A fase fálica será o reduto do complexo de Édipo, sendo assim, o ponto chave do trabalho apresentado.

Freud se deparou com essas questões do complexo de Édipo, muito antes de teorizar sobre a temática e nomeá-la. Seu primeiro contato foi em 1897, em seu momento de autoanálise, após a perda de seu pai. E, também, em sua carta de número 71 endereçada a Fliess, que detém o assunto acerca das questões edípicas.

Sobre essa primeira aproximação acerca do Édipo, ele escreve: “Um único pensamento de validade universal me foi dado. Também em mim achei o amor pela mãe e os ciúmes pelo pai e considero isso um acontecimento universal da primeira infância” (Freud, 1897/1996).

Posteriormente, ele se dedica a um estudo profundo sobre a temática do complexo de Édipo e, então, a mesma vai sendo ampliada e esclarecida, como veremos adiante.

O que suscitou primeiro interesse nesse tema para essa monografia, foram casos clínicos atendidos em consultório particular, que em comum apresentavam a homossexualidade, cada qual, a sua maneira. Pensei, então, em fazer uma interlocução entre teoria e a clínica, através dos estudos psicanalíticos de Freud.

Dois pacientes do sexo masculino com idades entre 25 a 35 anos, ambos, quando procuraram atendimento, colocaram sua opção sexual e trouxeram questões relativas ao assunto. Apesar de serem homossexuais, pude perceber que em um deles havia um retorno a si mesmo, buscando parceiros com características idênticas as dele, como se através do outro ele pudesse alimentar-se afetivamente. No outro, notei uma busca por características semelhantes à figura materna, ele procurava identificar-se, fielmente, em todos os sentidos com essa mãe desejando sê-la. No primeiro caso levantei a hipótese de uma homossexualidade narcísica e no segundo por inversão.

Assim, essa monografia partiu dessas percepções que se tornaram hipóteses. Para fundamentar as referidas hipóteses recorri à teoria psicanalítica de Freud sobre o complexo de Édipo. Sendo assim, apresentarei um capítulo teórico que tratará sobre o complexo de Édipo na obra de Freud. Na sequência, trago os dois casos e suas respectivas análises, tendo em vista a fundamentação teórica já apresentada. E, por fim, as considerações finais.

2 PERCURSO DE FREUD PELA HOMOSSEXUALIDADE

Começando esse percurso nas obras de Freud, iniciamos em 1900, quando nos textos sobre a interpretação dos sonhos, trata de um sonho que permeia o assunto da homossexualidade e, também, da bissexualidade. Freud (1900/1976), interpreta a partir dos referidos sonhos, impulsos considerados contrários às atividades sexuais normativas.

Citarei um desses sonhos, produzido por um rapaz que, em sua meninice, havia atormentado imensamente seu irmão mais velho, por quem tinha um apego homossexual. Tendo seu caráter passado por uma modificação fundamental, ele teve o seguinte sonho, dividido em três partes: I. Seu irmão mais velho estava mexendo com ele. II. Dois homens se acariciavam com um objetivo homossexual. III. Seu irmão vendera o negócio cujo diretor ele próprio aspirava tornar-se. Ele despertou deste último sonho com sentimentos extremamente aflitivos. Não obstante, tratava-se de um sonho masoquista de desejo e poderia ser traduzido assim: “Seria bem feito para mim se meu irmão me confrontasse com essa venda, como punição por todos os tormentos que ele teve de aturar de mim. (Freud, 1900/1976).

Vale ressaltar que Freud vivia em Viena numa época que vigorava a fascinação por doenças mentais e problemas sexuais que, de certa forma, influenciaram suas descobertas sobre a histeria e suas relações com os impulsos sexuais inibidos ou reprimidos.

Após essa pequena digressão, prosseguiremos para 1905, quando Freud nos apresenta o “Caso Dora”, nesse caso a homossexualidade ressurgiu em seus textos, sendo apresentada como perversão ou “inversão”. Freud afirma que a perversão é o inverso da neurose, para que um sujeito seja considerado nosograficamente um neurótico, ele precisa ter passado pela resolução do complexo de Édipo. Assim quando Freud afirma a homossexualidade como perversão, significa que o Édipo não foi elaborado na homossexualidade.

O comportamento dos invertidos se manifestava diferentemente dos comportamentos intitulados “normais”. Logo, “invertidos” são aqueles em que o prazer é obtido através do objeto sexual do mesmo sexo, categorizando a homossexualidade. Já o sexo oposto não é tomado como objeto de desejo, podendo, inclusive, ser visto como algo causador de aversão (Freud, 1905). Ainda segundo Freud (1905), há uma particularidade na homossexualidade. Ela está presente em alguns indivíduos desde a tenra infância e pode ser reeditada na puberdade. Freud (1905) afirma que:

A “inversão” pode ser adquirida, sustentando a ideia de que; em primeiro lugar em muitos invertidos, pode-se demonstrar que houve, bem cedo na vida, uma impressão de natureza sexual que deixou, como consequência duradoura a inclinação homossexual; em segundo lugar, muitos outros, é possível indicar influências externas propiciadoras ou inibidoras, o que propiciava tal prática da “inversão”; em terceiro lugar, a inversão poderia ser eliminada por sugestão hipnótica, o que seria espantoso numa característica inata. (Freud, 1905/2016).

A conclusão de Freud em 1905, foi de não ser capaz de esclarecer satisfatoriamente a origem da “inversão” com os materiais que dispunha naquela época, tornando a discussão sobre o assunto mais interessante do que sua resolução em si. Freud (1909/1976) no texto “Uma análise da fobia de um garoto de cinco anos” utiliza o termo complexo de Édipo pela primeira vez. Considerando o complexo de Édipo no menino. O menino começa a desejar a mãe, e logo na sequência, a odiar o pai, tomando-o como rival, e terceiro nessa relação, que impede esse desejo incestuoso, passando assim pela castração.

Freud continua a postular suas ideias sobre a homossexualidade no texto “Leonardo da Vinci e outros trabalhos”, em 1910. O mesmo se interessou pelo pintor Leonardo Da Vinci, grande representante da Arte e da Ciência daquela época. Freud fez uma tentativa de explicar não apenas o funcionamento psíquico do pintor, mas também a relação disso com características presentes na sua famosa obra, ‘Monalisa’ (La Gioconda). No texto publicado em 1910, intitulado “Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância”, Freud considera que a obra de Da Vinci é uma projeção do próprio artista. Fazendo-me pensar no seguinte questionamento: de que “Leonardo” poderia ter sido um homossexual ou um narcisista? (Padula et al., 2017). “Continuando com o nosso trabalho de interpretação, chegamos agora ao estranho problema de saber por que motivo esse conteúdo foi transformado em uma situação homossexual” (Freud, 1910/1976).

Ainda em Freud (1910/1976), dando continuidade a explicação sobre “Leonardo”:

Quando nos lembramos da probabilidade histórica de Leonardo ter-se comportado em sua vida como uma pessoa emocionalmente homossexual, ocorre-nos perguntar se esta fantasia não indicaria a existência de uma relação causal entre as relações infantis de Leonardo com a mãe e sua posterior homossexualidade manifesta, ainda que ideal [sublimada]. Não nos atreveríamos a inferir qualquer conexão dessa natureza da reminiscência confusa de Leonardo se

não soubéssemos, pelos estudos psicanalíticos de pacientes homossexuais, que tal ligação existe de fato e é, na verdade, condição intrínseca e necessária. Os homossexuais, que em nossos dias se têm defendido energicamente das restrições impostas por lei às suas atividades sexuais, gostam de ser apresentados, por intermédio de seus teóricos defensores, como pertencendo a uma espécie diferente, como um estágio sexual intermediário ou como um 'terceiro sexo'. Eles se declaram homens inatamente compelidos, por disposições orgânicas, a achar prazer com outros homens, o que não conseguem com mulheres. Por maior que seja a nossa vontade, por motivos humanitários, de acatar suas declarações, devemos analisar as suas teorias com reservas, pois foram feitas sem levar em conta a gênese psíquica da homossexualidade". (Freud, 1910/1976).

De acordo com Freud (1914-1916/2010) no seu texto "Introdução ao Narcisismo", o mesmo coloca a ideia de que todos nós possuímos algum tipo de narcisismo em nosso desenvolvimento. Conceitua dois tipos de narcisismo, o primário e o secundário. O primário que está presente desde o nascimento, sendo ele um investimento libidinal em si mesmo, a mãe investe seu bebê libidinalmente. Também pode ser comparada ao primeiro tempo do Édipo, no qual mãe e bebê estão em consonância e unitariamente fusionados.

Já o narcisismo secundário segundo Freud (1914-1916/2010) ocorre, quando esse afeto, após ser direcionado para o externo, retorna para si mesmo novamente, especulando esse retorno a si por conta de uma autopreservação. Seriam todas aquelas manifestações que ocorrem além do campo da primeira, exemplo as parafrenias (definidas como o interesse sexual inapropriado). O desenvolvimento do Eu consiste em um distanciamento do narcisismo primário, segundo Freud (1914-1916/2010) tal distanciamento ocorre através do deslocamento da libido para um ideal do Eu¹, imposto de fora, e a satisfação através do cumprimento desse ideal. Levando-nos a pensar que o ser humano tem duas escolhas de objetos sexuais, ele mesmo e a mulher que cuida dele. O primeiro caracterizando um narcisismo primário, e o primeiro tempo do Édipo, e o segundo uma escolha de objeto anaclítica, o que em alguns casos vai se manifestar mais adiante em suas escolhas objetais na genitalidade (Freud, 1914 - 1916/2010).

Estudando sobre o narcisismo, Freud nos leva a pensar na problemática da escolha de objeto, sendo elas anaclítica e escolha de objeto narcísica. A escolha

¹ "Expressão utilizado por Freud no quadro de sua segunda teoria do aparelho psíquico. Instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com seus substitutos e com os ideais coletivos. Enquanto instância diferenciada o ideal do ego constitui um modelo a que o sujeito procura conformar-se (Laplanche; Pontalis, 2001. p. 222).

anaclítica se refere aos primeiros objetos sexuais da criança, objetos esses que cuidaram, protegeram e alimentaram. Na escolha narcísica Freud (1914-1916/2010) coloca como, pessoas que o desenvolvimento libidinal sofreu algum tipo de perturbação (pessoas que não passaram pelo complexo de Édipo e/ou diferente dos neuróticos), que nesse caso entrariam os homossexuais.

Dando sequência, Freud (1922/2012) em seu texto “Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade, que a escolha de objeto no narcisismo primário, se relaciona diretamente ao apego a mãe (primeira fixação, que dificulta a passagem para um outro objeto feminino). Estamos na seara do narcisismo primário, em que a identificação com a mãe é que determina o aprisionamento a esse primeiro objeto.

Depois, se vive o narcisismo, propriamente dito, como já mencionado acima. E, por último, o medo da castração. Antes de aceitar a castração, renunciando seu objeto de amor que é mãe, o homossexual ao invés de se identificar com o pai, assume uma posição feminina passiva, escolhendo assim o genitor do sexo masculino como objeto sexual. Desta maneira, seu objeto ideal – mãe – é preservado. O menino nestas condições não escolhe outros objetos femininos para não rivalizar com a toda poderosa, mãe.

Anterior a essa escolha de objeto sexual, a sexualidade infantil é um dos pontos cruciais da base teórica freudiana para entender a homossexualidade. Freud (1923/1996) em seu texto “A organização sexual infantil”, enfatiza a importância da sexualidade infantil até o ponto de seu desfecho, do qual leva muito desses traços para a vida adulta. Nessa fase há primazia do órgão sexual masculino, o falo, e uma negação do órgão feminino. Freud (1923/1996) coloca como organização genital infantil, o genital masculino ou castrado (que seria representado pelo feminino), apenas na puberdade essa polaridade irá se ajustar em masculino (ativo) e feminino (passivo).

Ainda em 1923, no seu texto “O eu e o id”, apresenta uma finalização com relação ao Édipo, em uma ponta o positivo, e na outra ponta o negativo, cada um com o seu complexo e seus objetos de identificação, com suas devidas intensidades, mais adiante, apresentaremos um capítulo sobre essa temática.

Freud em 1924, apresenta que o fim do complexo de Édipo se dá, quando ele acaba. Afirma que: “[...] se acabou é porque chegou o momento de sua desintegração”. Nessa fase o genital já assumi o papel principal, mais precisamente

o pênis, sendo concomitante a fase fálica, com a resolução do complexo de Édipo, devido a ameaça de castração² e a formação do super-eu.³

[...] com a resolução do complexo de Édipo, o mesmo oferece ao menino duas possibilidades de satisfação, uma ativa e outra passiva. “Ele pode, masculinamente, colocar-se no lugar do pai e tal como este relacionar-se com a mãe, caso em que o pai logo é visto como empecilho, ou quis substituir a mãe e se fazer amar pelo pai, caso em que a mãe se tornou supérflua” (Freud, 1924/1996, p. 208).

Segundo Freud (1924/1996), nesse momento é fácil de elucidar em uma fórmula a distinção entre a identificação com o pai e a escolha de objeto, no primeiro caso o pai é o que eu gostaria de ser (objeto de identificação e escolha de objeto sexual pela saída da heterossexualidade), e no segundo o pai, é o que eu gostaria de ter (escolha de objeto sexual pela saída da homossexualidade). Aqui, apresentamos uma outra saída do complexo de Édipo, através da homossexualidade, pela escolha de objeto anaclítica, como mencionado acima.

Freud (1935) com a invenção de novos significantes para designar aqueles que se atraem por parceiros do mesmo sexo (o sodomita, o “invertido”), opera-se uma mudança no olhar que se faz da homossexualidade. Sendo assim, Freud escreve uma carta respondendo um pedido de uma mãe Americana, que solicita ajuda para seu filho, pois o mesmo apresentava comportamentos homossexuais, considerados anormais pela mãe. A resposta de Freud nos mostra como seu pensamento se alterou ao longo dos seus estudos. Os homossexuais, no começo, eram os invertidos/doentes, agora, podem ser considerados “normais”.

Eu creio compreender após ler sua carta que seu filho é homossexual. Eu fiquei muito surpreso pelo fato que a senhora não mencionou esse termo nas informações que deu sobre ele. Posso eu, vos perguntar por que evitou esta palavra? A homossexualidade não é evidentemente uma vantagem, mas não há nada do que sentir vergonha. Ela não é um vício, nem uma desonra e não poderíamos qualificá-la de doença. Muitos indivíduos altamente respeitáveis, nos tempos antigos e modernos foram homossexuais (Platão, Michelangelo, Leonardo da Vinci, etc.). É uma

² “Complexo centrado na fantasia de castração, que proporciona uma resposta ao enigma que a diferença anatômica entre os sexos (presença ou ausência do pênis) coloca para a criança. Essa diferença é atribuída à amputação do pênis na menina. O complexo de castração está em estreita relação com o complexo de Édipo, e mais especialmente, na função interditoria e normativa (Laplanche; Pontalis, 2001, p. 72).

³ “Uma das instâncias da personalidade tal como Freud a descreveu no quadro da segunda teoria do aparelho psíquico. O seu papel é assimilável ao de um juiz ou de um sensor relativamente ao ego. Freud vê na consciência moral, na auto-observação, na formação de ideias as funções do superego. Classicamente o superego é definido como herdeiro do complexo de Édipo, constitui-se por interiorização das exigências e das interdições parentais (Laplanche; Pontalis, 2001, p. 497).

grande injustiça perseguir a homossexualidade como crime e também uma crueldade (Freud, 1935 p.43, apud Vieira, 2009).

Após apresentar esse percurso sobre a homossexualidade em Freud, proponho um retorno à sexualidade infantil e sua relação com o complexo de Édipo, tendo em vista o desfecho homossexual.

3 ZONAS ERÓGENAS E A SEXUALIDADE INFANTIL

Freud (1905/2016) foi o primeiro a afirmar que as crianças são providas de sexualidade. Em 1905, no livro “Três ensaios sobre a sexualidade”, apresenta um conceito de disposição “perverso polimorfo” da sexualidade infantil, onde não há primazia das zonas erógenas. O mesmo sustenta a ideia de que as pulsões sexuais infantis assumem a forma parcial, sendo assim ligadas às zonas do corpo, ou como conhecemos, também por zonas erógenas.

Zona erógena, qualquer região de revestimento cutâneo - mucoso suscetível de se tornar sede de uma excitação de tipo sexual. De forma mais específica, certas regiões que são funcionalmente sedes dessa excitação: zona oral, anal, uretro-genital, mamilo (Laplanche; Pontalis, 1998, p. 533).

Laplanche (1992), diz ainda que a existência e a predominância de certas zonas corporais na sexualidade humana sejam um dado fundamental da experiência psicanalítica, uma interpretação exclusivamente anatomo-fisiológica é insuficiente para justificá-las. Nesse aspecto a sexualidade infantil é “perverso polimorfo”, pois a pulsão se desvia para outros objetos que não os sexuais, levando em consideração o fato de constituírem as origens do desenvolvimento psicosssexual.

Podemos agora, indicar segundo Freud (1917/2014) que a vida sexual da criança se configura antes do estabelecimento da fase genital, e anteriormente ao um período de latência. Nesse primeiro momento, vigora uma espécie de organização não fixada, que Freud (1917/2014) irá chamar de pré-genital. Nessa etapa da sexualidade infantil não há distinção entre masculino e feminino, distingui-se nessa fase a posição entre ativo (masculina) e passivo (feminina), que adiante será a precursora da polaridade sexual.

Freud (1901-1905) teoriza em seu texto sobre as 5 fases do desenvolvimento psicosssexual infantil, e dá início pela fase oral do desenvolvimento, onde já se inicia uma relação importante com essa mãe.

A fase oral, zona erógena localizada na boca, o prazer em sugar e introjetar o alimento, havendo um investimento libidinal desse bebê em sua mãe. O seio oferecido para a criança é tido como alimento e fonte de satisfação oral.

[...] o ato de chupar ou sugar, que aparece já no lactente e pode prosseguir até o fim do desenvolvimento ou se conserva por toda a

vida, consiste na sucção, repetidas de maneiras rítmicas, com a boca (os lábios) sem a finalidade da alimentação... Penso que o encadeamento de fenômenos que pudemos discernir graças a investigação psicanalítica, nos autoriza a ver o ato de sugar como uma manifestação sexual". (Freud, 1905/2016, p.83-84).

Logo na sequência, encontramos em seus escritos de 1905 as atividades da zona anal. Essa zona erógena fica localizada no anus/esfíncter, tendo assim o prazer de reter ou eliminar fezes e a urina. A criança oferece, ou não, suas fezes para essa mãe, como um "presente, sendo seu produto próprio" e de valor inestimável, percebendo pela primeira vez, que o seu corpo é em certa medida separado da mesma. A retenção da massa fecal pode ser intencional, sendo ela usada como estimulação masturbatória da zona anal da criança.

Seguindo o pensamento de Freud, há a fase fálica. Zona erógena localizada no pênis. Onde há um primado pelo órgão sexual masculino. É nessa fase do desenvolvimento que se inicia o complexo de Édipo.

Em seguida nós deparamos com o período de latência ou fase de latência segundo Freud (1905/2016) é o período infantil de adiamento, onde há uma espera pela satisfação dos desejos, não havendo uma zona erógena específica. Nela a produção de excitação sexual não pararia, porém esses investimentos seriam deslocados para outras atividades e relações, diminuindo assim a atividade sexual infantil. Freud (1905/2016) diz que "Os impulsos sexuais desses anos de infância seriam, por um lado inutilizáveis, já que as funções reprodutivas estão adiadas" (Freud, 1905/2016, p.81).

Finalizando essas cinco fases da teoria psicosssexual infantil de Freud (1905/2016), o mesmo fala sobre a fase genital .

Com o advento da puberdade, introduzem-se as mudanças que levarão a vida sexual infantil à sua configuração definitiva normal. O instinto sexual, que era predominantemente auto-erótica, encontra agora um objeto sexual. Ele operava a partir de diferentes instintos e zonas erógenas, que buscavam, cada qual de forma independente, determinado prazer como única meta sexual. Agora ele recebe uma nova meta sexual e todos os instintos parciais cooperam para alcançá-la enquanto as zonas erógenas se subordinam ao primado da zona genital. (Freud, 1905/2016, p.121)

4 COMPLEXO DE ÉDIPO

Pensando em um primeiro tempo do Édipo, segundo Freud (1924/1996) nesse primeiro movimento, o menino tem total atenção e é objeto de desejo da mãe. Essa relação é fusional, quem olha de fora observa duas pessoas, e quem está dentro dessa relação (mãe-bebê) vê apenas uma, sendo assim o bebê representa simbolicamente a extensão de sua mãe. Freud (1917/2014) diz que a mãe é o primeiro objeto de amor, trazendo assim para primeiro plano o lado psíquico das tendências sexuais. Na mesma época que a mãe se torna objeto de amor já se começa os trabalhos da repressão, que lhe oculta, de certa forma, conhecer uma parte de suas metas sexuais. A criança deseja ser tudo e, inicialmente, é tudo para essa mãe.

Segundo Freud (1925/1996) há um interessante comportamento no menino perante esse reconhecimento da inexistência do falo na mulher, quando o mesmo avista pela primeira vez a região genital da menina, ele se mostra confuso e indeciso sobre o que viu, podendo negar e recusar tal percepção, buscando assim enfraquecer tal ideia. Somente quando uma ameaça de castração teve influência sobre ele, que tal observação feita anteriormente com relação à menina, lhe fará significado. Ele passará a pensar que a menina teve um falo e perdeu. Portanto, crê em uma realidade que o ameaça, até então ignorada/ desdenhada. Há um reconhecimento, por parte da criança, que algo falta à sua mãe, reconhecendo que a mesma já foi castrada. Na fase fálica, o menino entra no segundo tempo do complexo edipiano e, com ele, a masturbação associa-se às fantasias incestuosas em relação à mãe. Essa é a época das ameaças verbais, tendo a intenção de proibir a criança de práticas masturbatórias e autoeróticas, obrigando-as a renunciar suas fantasias incestuosas. Como podemos ver no caso do “pequeno Hans”, essa castração da mulher, ganha significação e o menino passa a ter medo de perder o seu falo. (Freud, 1924/1996).

O que, portanto, a observação direta da criança na época da escolha do objeto, anteriormente ao período de latência, leva a perceber do complexo de Édipo? Bem, vê-se com facilidade que o garotinho quer a mãe apenas para si, que sente a presença paterna como perturbadora, que se irrita quando o pai se permite demonstrar ternura a ela e que manifesta satisfação quando ele está viajando ou ausente. Com frequência, o menino dá expressão verbal a seus sentimentos e promete a mãe que vai casar com ela [...]. (Freud, 1917/2014, p.441).

Esse pai é quem intercepta essa relação incestuosa do menino para com sua mãe. Sendo assim, ele é o agente castrador. Qual a saída para o menino?. Ele pode se identificar com o pai. Nessas circunstâncias, Freud (1917/2014) diz que para o filho, isso consiste em desprender da mãe seus desejos libidinosos, a fim de empregá-los na escolha de um objeto real, fora dessa triangulação. Segundo Araújo (2018) o complexo de Édipo, corresponde a um processo que instaura uma mudança na qualidade das relações, que antes dele, eram duais, ideais e indiferenciadas e passam a triangulares, reais e diferenciadas. O pai se apresenta como um terceiro à essa relação dual entre mãe e filho e, portanto, propõe, através de sua presença, a triangulação e, conseqüentemente, uma separação nessa relação ideal e indiferenciada do menino com a mãe.

Seguindo a linha de raciocínio descrita por Freud (1923/2011), podemos pensar em um terceiro tempo do Édipo. Trata-se dos processos de identificação e uma dissolução desse complexo de Édipo. O menino deve se identificar com o pai e abandonar sua mãe como objeto de amor. Sob efeito da irrupção da angústia da castração o menino aceita a lei da proibição, à fim de salvar seu membro viril, pagando, assim, o preço pela renúncia da mãe como objeto sexual. (Nasio, 2007)

Com essa intersecção da lei surge uma nova instância psíquica, conhecida como supereu/superego. Laplanche (1992) cita Freud (1924/1996) sobre a formação do superego, sendo o mesmo correlativo do declínio do complexo de Édipo, a criança renuncia a satisfação dos desejos edipianos, marcando assim a interdição. O superego é uma das instâncias da personalidade segundo a segunda teoria do aparelho psíquico. O papel do superego é similar ao de um juiz segundo Laplanche, é conhecido também por ser uma consciência moral e formação de ideias. De uma maneira prática o superego constitui-se por interiorização das exigências e das interdições parenteais.

De acordo com Laplanche (1992, p. 499), “embora a renúncia aos desejos edipianos amorosos e hostis esteja no princípio de formação do superego, este segundo Freud, é enriquecido pelas contribuições ulteriores das exigências sócias e culturais (educação, religião, moralidade)”.

Segundo Freud (1924-1926/1996), cada vez mais se revela a importância do complexo de Édipo como fenômeno central do período sexual da primeira infância.

No menino o temor da castração põe “fim” ao complexo de Édipo, e a energia sexual é sublimada e dá passagem ao período de latência, reaparecendo na puberdade.

5 DOS CONCEITOS À INTEGRAÇÃO: COMPLEXO DE ÉDIPO POSITIVO E NEGATIVO

Após esse breve percurso sobre o Édipo, entraremos em duas resoluções possíveis para o complexo: uma positiva e outra negativa. De acordo com Laplanche e Pontalis (1992), o complexo de Édipo se caracteriza como:

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo- Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. (Laplanche, 1992, p. 77).

Segundo Freud (1905/2016) essas fantasias incestuosas em relação ao progenitor do sexo oposto e os sentimentos de ambivalência expressos através da polaridade sexual, reaparecem em todos os seres humanos, em vários momentos da vida, retomando impulsos sexuais presente na criança com relação aos pais.

Uma nítida ressonância, de acordo Freud (1905/2016), dessa fase de desenvolvimento, ocorre quando acontece a primeira paixão séria de um homem jovem a uma mulher madura. Capaz de reavivar nesse jovem a imagem introjetada da mãe, em geral a escolha do objeto se faz baseada nesse modelo anaclítico, como já mencionado anteriormente. Assim, o homem busca na mulher amada a imagem mnêmica da mãe, que está presente, nele, desde o começo da infância. Sendo assim, essas primeiras relações de escolha de objeto que envolvem o Édipo na infância são fundamentais para futuras escolhas de objetos sexuais.

Freud (1923/2011), em relação ao Édipo positivo, considera que o menino desde de muito cedo desenvolve um investimento objetal na mãe, tendo como ponto de partida o seio materno, se identifica com o genitor masculino se apoderando de suas características fálicas dirigindo-se, no primeiro momento, para a mãe como objeto sexual. Essas duas situações coexistem por algum tempo, até a percepção do pai como um obstáculo nesse investimento libidinal na mãe. Então, a identificação com esse pai muda de situação, tornando-se agressiva e hostil, havendo um desejo de eliminar esse pai, que atrapalha, com o intuito de substituí-lo junto a essa mãe.

Para o menino cabe escolher entre manter seu “falo” - ameaçado pela figura paterna castradora-, ou renunciar seu objeto de amor, a mãe. Assim, no Édipo

positivo, o menino renuncia a mãe como objeto sexual, aceitando a interdição do pai nessa relação. Logo, o menino passa a procurar o objeto sexual fora dessa triangulação; mãe, pai e filho.

Freud (1923/2011, p. 39) faz suas considerações finais acerca do complexo de Édipo quando afirma que, é aconselhável, em geral, muito especialmente no que concerne aos neuróticos, presumir a existência do complexo de Édipo completo, “[...] considerando a natureza triangular da situação edípica e a bissexualidade constitucional do indivíduo”.

Quando Freud (1923/2011) afirma sobre a bissexualidade como constitucional, ele modifica o peso que havia dado à inversão em 1905, quando afirmou que nesses casos, o objeto sexual de desejo é do mesmo sexo, o que poderia caracterizar a escolha de objeto homossexual. Nesse momento de sua obra, ele considerava essa forma de escolha como patologia. Essa mudança no pensamento de Freud começa a ocorrer em “Teoria geral das neuroses” publicado em 1917.

Para Freud (1917/2014, p.408): “A reivindicação da excepcionalidade dos homossexuais ou invertidos cai por terra quando descobrimos que há impulsos homossexuais em cada neurótico, e que boa parte de seus sintomas dá expressão a essa inversão latente.”

O que está em questão, aqui, é considerar que o menino toma seu pai também como objeto de amor ao desejar identificar-se com ele ou o que ele possui. Nesse sentido, estamos diante de uma escolha objetual homossexual que está contemplada na ideia da bissexualidade constitucional, mencionada acima.

O autor ainda complementa sua ideia dizendo que:

Uma investigação mais penetrante mostra, em geral, o complexo Édipo mais completo, que é duplo, um positivo e um negativo, dependente da bissexualidade original da criança; isto é, o menino tem não só uma atitude ambivalente para com o pai e uma terna escolha objetual com a mãe, mas ao mesmo tempo comporta-se como uma garota, exibe a terna atitude feminina com o pai e, corresponde a isso, aquela ciumenta e hostil em relação à mãe. Essa interferência da bissexualidade torna muito difícil compreender as primitivas identificações e escolhas objetuais, e ainda mais difícil descrevê-las de modo inteligível. Também pode ser que a ambivalência constatada na relação com os pais deva se referir inteiramente à bissexualidade, e não como apresentei acima, ter se desenvolvido a partir da identificação pela atitude da rivalidade. (Freud, 1923/2011, p. 41).

Consideramos que para o menino há a possibilidade de uma resolução

neurótica que consiste em aceitar a castração pondo fim ao seu complexo de Édipo, ao renunciar sua mãe como objeto de amor. Essa seria a resolução positiva/normal. Laplanche (1992) pontua um complexo de Édipo positivo, como uma saída “normal” pela heterossexualidade, porém há um Édipo negativo que sua saída será pela homossexualidade. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se, em graus diversos, na chamada forma completa do complexo de Édipo.

6 ELUCIDAÇÃO CLÍNICA

Ao longo dessa pesquisa, imersa nos textos de Freud sobre o Édipo, duas vinhetas clínicas me despertaram interesse, dando assim uma luz prática à teoria estudada. Sendo assim, lhes apresento os casos clínicos e suas possíveis hipóteses a seguir.

Manuel (nome fictício) um economista, atualmente com 35 anos, nascido na região nordeste do Brasil. Há dez anos, reside na grande São Paulo. Foi criado pela mãe com a qual tem um vínculo muito forte, não chegou a conhecer seu pai. O mesmo diz não sentir falta de uma presença paterna, “Minha mãe foi tudo, minha guerreira, meu exemplo, eu me espelho inteiro nela, o que sou hoje é graças a ela, somente a ela” (SIC).

Procurou o processo de análise, pois apresentava uma ansiedade e uma desorganização em sua vida. Durante o processo contou que quando tinha 18 anos, sua mãe sofreu de um câncer cerebral, que cirurgicamente foi retirado, deixando sequelas, pois sua mãe nunca mais foi mesma. Acompanhou de perto essa cirurgia e disse que teve ajuda de alguns familiares, o que emocionalmente o fortaleceu e não o fez se sentir sozinho nessa fase.

Após a cirurgia, Manuel conta que a imagem de sua mãe mudou. Consequentemente a imagem da mãe interna construída ao longo da vida, principalmente, na primeira infância, se alterou. Tal fato o despertou, e o ajudou a reviver algumas de suas questões edípicas, mal resolvidas, anteriormente. Manuel conta que sua mãe andava de moto, com cabelos longos e sempre demonstrou muita força. Depois do câncer e da cirurgia, passou a ter dificuldades em formular as frases, explicar as suas ideias, sua força foi minguando. Isso o deixou bem constrangido e desapontado.

Segundo Freud (1924/1996) esse movimento do primeiro tempo do Édipo, no qual o bebê é o desejo de sua mãe, podemos pensar como uma hipótese que Manuel está de encontro com esse investimento de sua mãe, sendo o bebê majestade, havendo um investimento libidinal nesse bebê, pois o mesmo relata que sua mãe daria e dá sua vida por ele, sempre cuidou, acalentou e nunca o deixou passar por necessidades, tanto físicas quanto emocionais. Já no segundo tempo do Édipo onde essa interdição do pai deveria ser feita, não há uma figura masculina que intervenha nessa relação. Apesar de ter outros familiares que fariam esse papel, de

função paterna, podemos hipotetizar que a cirurgia de sua mãe foi um dos agentes castradores dessa relação, que ao dizer de Manuel, “Não era preciso mais ninguém, só eu e minha mãe já bastava, e essa cirurgia, aaaa essa cirurgia, ela mudou tudo”(SIC).

Sendo assim, nesse terceiro tempo do Édipo, onde trata-se dos processos de identificação e uma dissolução desse complexo de Édipo, ocorre uma inversão do mesmo, onde o menino se identificaria com o pai e rivalizaria com a mãe, no caso de Manuel ele idealiza sua mãe, sendo ela perfeita e a completude dessa relação, estamos na seara do narcisismo primário, em que a identificação com a mãe determina o aprisionamento a esse primeiro objeto. Podendo se pensar que nenhuma mulher poderá ocupar esse lugar, pois outra mulher poderia competir com o lugar de sua mãe. Portanto, ele investe na busca de relações com homens com quem se identifica narcisicamente. Ele busca o outro ou ele mesmo no outro? “Eu sempre soube que gostava de garotos, desde bem pequeno, e custei muito para entender quem eu era, e o que me fez enxergar quem eu sou hoje. Eu me gosto muito, admiro as minhas partes masculinas, ter barba, o corte de cabelo, eu sou um homem, apenas amo e sinto prazer com outro do mesmo gênero, qual o problema nisso gente?” (SIC).

Em sua forma negativa podemos observar, o declínio do Édipo no menino, uma identificação com a mãe e uma fixação na relação com o pai sob o signo da catexia objetual. No declínio do Édipo negativo, encontraremos apenas a segunda modalidade de identificação, ou seja, a catexia objetual em relação à mãe regrediu para uma identificação. Mas, anteriormente a esse desfecho, a criança vivencia, em toda a sua complexidade, variadas formas de combinações identificatórias ou libidinais com os sujeitos da trama. O menino ama a mãe e reproduz uma relação ambivalente com o pai, mas, concomitantemente, apresenta atitudes femininas afetuosas em relação ao pai e hostilidade dirigida à mãe. Existe a possibilidade de ter a mãe e o pai como outros-objetos de catexia libidinal e como outros-narcísicos para o modelo de identificação. (Moreira, 2004).

Esse trecho de uma pós Freudiana, nos leva à segunda teoria pulsional de Freud, e ao Édipo negativo, que em Manuel, terá uma saída do Édipo com uma escolha narcísica, sexualmente falando.

Na segunda teoria pulsional de Freud, existem dois tipos de escolha de objeto no caso da homossexualidade, a narcísica apresentada pela vinheta clínica de Manuel. E a escolha do objeto invertido, que apresentarei a seguir.

Marcelo tem 29 anos e é o mais novo de cinco irmãos. Sua mãe faleceu de câncer, quando ele tinha apenas 6 anos. Suas memórias sobre ela são todas positivas e cultivadas intensamente. Diz guardar fotos, recados e turbantes que a mãe gostava de usar no dia a dia, enquanto estava em tratamento contra o câncer. Conta que era uma mulher grande (peso e altura) e grande no amor com todos, inclusive com ele. Essa relação com a mãe foi trazida para análise de diversas formas. Através de relatos e, também, através das vestimentas e adornos que Marcelo usa. Tais como: saias, brincos e os turbantes.

Seu pai casou-se de novo e construiu uma “nova” família, segundo o meu paciente, uma nova família com uma “Má-drasta” (SIC). Ao contar sobre essa nova família, Marcelo diz sentir-se excluído e perseguido, tanto pela madrasta como pela filha da mesma (fruto de um outro casamento). Relata que em um dia, sua madrasta o presenteou com um bolo de chocolate, que ele recusou. A princípio, dizendo que estava cheio do almoço; notou que ninguém havia tocado no bolo durante uma semana, sendo jogado intacto ao lixo, passou a suspeitar que sua madrasta tentou envenená-lo.

Marcelo me trouxe em análise o seguinte pensamento: “eu teria a possibilidade de ser um psicopata?”, pois já havia sonhado que matara sua madrasta e não sentia remorso por isso. Chegamos a uma conclusão juntos: essa madrasta havia sido morta internamente, deixando algumas marcas, porém era uma pessoa que não tinha mais o mesmo efeito, quando em contato.

Ao longo das sessões essas relações com a madrasta, mãe e com o pai foram tomando forma e tendo um sentido. Sua mãe ficou possuidora de todo o bom, enquanto sua madrasta ficou dotada de todo mal, podendo manter a mãe a salvo em seu mundo interno e expulsar o que era ruim para o externo, não precisando entrar em contato com esse externo sujo.

Após a morte de sua mãe, podemos pensar como uma possível resolução, que Marcelo faz um movimento inconsciente de ocupar o lugar de sua mãe, sendo assim, quando surge a imagem da madrasta a mesma entra como rival, tendo que ser destituída do título de “nova mãe” para o de “Má-drasta”. Podemos perceber como essa relação com o pai foi abalada desde esse momento, pois quando Marcelo é colocado nessa possível resolução, no lugar da mãe, seria ele a mulher, portanto, é com ele que esse pai deveria ficar, e não a madrasta.

Esse movimento de primeiro tempo do Édipo segundo Freud (1924/1996) do qual o bebê é o desejo da mãe, uma hipótese seria que, Marcelo está em encontro com esse investimento de sua mãe nessa primeira infância. Já no segundo tempo do Édipo onde essa interdição do pai deveria ser feita, há uma morte real dessa mãe, esse desejo investido nesse bebê para não ser de todo perdido é introjetado como um modo de salvá-la da destruição dentro do meu paciente.

Sendo assim, nesse terceiro tempo do Édipo, onde trata-se dos processos de identificação e uma dissolução desse complexo de Édipo, podendo se pensar como uma das resoluções hipotéticas, que ocorre uma inversão do mesmo, onde o menino se identificaria com o pai e rivalizaria com a mãe, no caso de Marcelo o mesmo se identifica com essa mãe e rivaliza com a madrasta, escolhendo como objeto sexual homens, que mantém identidade com o masculino paterno. “É fácil enunciar numa fórmula a distinção entre a identificação com o pai e a escolha de objeto, no primeiro caso o pai é que gostaria de ser, no segundo o que gostaríamos de ter” (Freud, 1924/1996, p.134).

Em relação às vinhetas clínicas apresentadas acima, pode-se perceber a interlocução da teoria psicanalítica na prática clínica, onde a complexidade do complexo de Édipo, foi vista em três tempos. O desfecho do Édipo ocorrerá quando há um destino de seus desejos incestuosos para outro objeto. Assim a libido investida nesses desejos segundo Freud, poderá seguir dois caminhos, o menino poderá se identificar com o objeto perdido, a mãe, ou seja, ele se identificará com a mãe e terá como escolha o mesmo objeto que ela, o pai, caracterizando a homossexualidade. O outro caminho da libido será a intensa identificação com o pai, o agente castrador desses desejos incestuosos o que levará a buscar mulheres assim, como o pai faz, isto é o recalque do desejo pela mãe, podendo seguir seu caminho.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elucidamos aqui, a situação histórico-social da homossexualidade e o que Freud aborda sobre essa temática ao longo de suas obras. Começando em 1900 no texto interpretação dos sonhos indo até 1935, onde o mesmo atualiza e reconsidera muitas de suas ideias sobre essa temática. No início a homossexualidade era considerada uma patologia, considerado fora da “normalidade”. Com o passar dos anos e dos estudos, Freud, foi constatando que, a homossexualidade deriva da saída do complexo de Édipo ou uma renúncia do mesmo a um estado narcísico. Assim abandona a ideia da homossexualidade classificada como doença. A mudança nos textos de Freud são bem claras e prendem o leitor, falar sobre a homossexualidade em seu tempo era um tabu.

Com os seus estudos sobre a sexualidade infantil, abriram-se portas para tais tabus. O que hoje em dia pode-se considerar uma vitória, pois a homossexualidade não faz mais parte do DSM-5 (Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais). De acordo com o conselho regional de psicologia CRP-SP:

[...] a homossexualidade não constitui doença, distúrbio nem perversão[...] os psicólogos deverão contribuir com seu conhecimento para uma reflexão sobre o preconceito e desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas. [...]. (Conselho Regional De Psicologia De São Paulo, 2018).

Nos textos de “Três ensaios da teoria sexual” (1905/2016), “Organização genital infantil” (1923/1996), e em “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” (1925/1996), Freud constrói a ideia dos pares: atividade e passividade; sadismo e masoquismo, atrelados respectivamente ao par masculino e feminino. Assim como Freud iniciou seus estudos com a investigação da sexualidade, complexo de Édipo e identificação pelo masculino, assim foi apresentado nesse trabalho, podendo abrir novas possibilidades de pesquisas, acerca da sexualidade e do complexo de Édipo e suas saídas no feminino como contraponto.

Segundo Freud (1924/1996), o apogeu do complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica; cada vez mais se revela a importância do complexo, como fenômeno central do período sexual da primeira infância. As vinhetas clínicas apresentadas nesse trabalho, levaram-me a pensar nessas

questões do Édipo. No caso Marcelo, do qual a saída do complexo de Édipo é do tipo “invertida”.

Com uma profunda identificação com sua mãe fálica, ele precisava “ser” a mãe, no sentido de incorporar até suas vestimentas e ser tão grande como ela era. O desejo de ser como ela, usando e abusando de acessórios e roupas da mesma, Marcelo, pode buscar em outras relações a figura paterna, que hipoteticamente seria seu objeto sexual. Mostrando assim que o desenvolvimento do Édipo, pode ser revivido na puberdade e superado com um maior êxito. Em análise Marcelo, foi conquistando uma capacidade como indivíduo autônomo, livre para desejar e ser desejado. Podendo assim abrir o seguinte questionamento: Que segundo Freud (1924/1996) o Édipo desaparecia por um declínio ou destruição ou porque chegou o momento de sua desintegração? Fui levada a pensar que ele não é destruído e, sim, constantemente transformado, ao longo da vida. Havendo um declínio da relação de dependência da criança para com o adulto, tornando esse indivíduo um ser que busca uma completude.

No caso Manuel, penso que houve um retorno a um narcisismo, do qual o medo de perder o falo faz com que ele retorne a si mesmo, e colocando essa mãe em um lugar idealizado e sem possibilidade de troca, também nos deparamos com uma mãe fálica e portanto insubstituível, satisfazendo-se sexualmente com homens muito semelhantes a si mesmo. Em análise em contraponto com o caso Marcelo, Manuel, mostra uma menor capacidade de agir como indivíduo autônomo e desejante, sempre recorrendo a essa mãe perfeita e a essa escolha de objeto sexual narcísica, por conta desse Édipo, que está podendo ser falado, porém ainda em processo de resignificação, no entanto há muito trabalho a ser feito.

Para finalizar penso que Freud me ajudou muito a compreender ambos os casos cada um de sua diferente forma de ver a homossexualidade. Foi a partir de sua apresentação do complexo de Édipo narcísico e invertido feminino, que pude pensar e caminhar com os meus pacientes, pensando na possibilidade de elaboração e reelaboração dessa dinâmica que envolve a conflitiva edípica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Ana Karina Fachini. *O renascimento psíquico vivido em análise. 2018, 115f.* Tese (Doutorado Psicologia Clínica). Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: < <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21215>>. Acesso em: 22 set. 2018.

BETTELHEIM, Bruno. *A Viena de Freud e outros trabalhos.* Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991.

CAMARA, Gabriel. O trauma, a fantasia e o Édipo. *Cogito*, v.12, p. 57-61, 2011.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. 6. região. *A despatologização da orientação sexual: o papel da Resolução 01/99 e o enfrentamento da homofobia.* Disponível em: < http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/cadernos_tematicos/11/frames/fr_despatologizacao.aspx>. Acesso em: 04 jul. 2018.

COUTO, Luiza Vieira; CHAVES, Wilson Camilo. O trauma sexual e a angústia de castração: percurso freudiano à luz das contribuições de Lacan. *Psicol. Clín.*, v. 21, n.1, p. 59-72, 2009.

FERRARI, Andrea Gabriela; PICCININI, Cesar Augusto; LOPES, Rita de Cássia Sobreira. Atualização do Complexo de Édipo na relação com o bebê: evidências a partir de um estudo de caso. *Estud. psicol.* Campinas, v. 30, n. 2, p. 239-248, 2013.

FREUD, Sigmund (1897). *Carta 71.* In: _____. Publicações pré-analíticas e esboços inéditos (1886-1899). Obras completas v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 314 -316.

_____. (1900). In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 4. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1905). *Três ensaios sobre a sexualidade. Três ensaios da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O Caso Dora") e outros textos (1901 – 1905).*

Edição Companhia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 6, São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 13 - 172.

_____. (1908). *Sobre as teorias sexuais infantis. O delírio e o sonho na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros trabalhos (1906 – 1908)*. Edição Companhia das Letras das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 8, São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. (1909). *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*. In: FREUD, Sigmund. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v.10. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 11-154.

_____. (1910). *Cinco Lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos*. In: FREUD, Sigmund. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 11. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1914-1916). *Introdução ao narcisismo: ensaios de uma metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Edição Companhia das Letras das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1916-1917). *O Desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III), (1915 -1916)*. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 16, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1917). *Conferências Introdutórias à psicanálise (1916-1917). O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais*. Edição Companhia das Letras das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 13. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p.424-450.

_____. (1922). *Psicologia das massas e análise do eu*. In: FREUD, Sigmund. Obras completas. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923), v.15. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. (1923). *O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923 – 1925)*. Edição Companhia das Letras das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1923). *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade*. In: J. Strachey (ed. e trad.). Edição Standard Brasileira das Obras

Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1924). *A dissolução do complexo de Édipo*. In: FREUD, Sigmund. Obras completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira, v.19. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1925) *Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*. In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, v. 19). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

LOURENÇO, Lara Cristina D'avila. Transferência e complexo de Édipo, na obra de Freud: notas sobre os destinos da transferência. *Psicol. Reflex. Crit.*, vol.18, n.1, p.143-149, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n1/24828.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2018.

MANNONI, O. *A sexualidade: uma biografia ilustrada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 55-67.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 2, p. 219-227, 2004.

NASIO, Juan-David. *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

NASIO, Juan-David. *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SOUZA, Mauricio Rodrigues de. A psicanálise e o complexo de Édipo: (novas) observações a partir de Hamlet. *Psicologia USP*, v. 17, n. 2, p.135-155, 2006.

VIEIRA, Luciana Leila Fontes. As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana. *Rev. Mal-Estar Subj.*, v. 9, n. 2, p. 487-525, 2009.

ZORNIG, Silvia Maria Abu-Jamra. As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões. *Psicol. estud.*, v. 13, n.1, p.73-77, 2008.

PADULA, Stefanie Panachão; CALVANO, Carolina Ferreira; SAYEG, Maria Andrade; MALUF, Lucas Teixeira.; ARAÚJO, Ana Karina. *Madona Litta de Da Vinci: uma análise kleiniana*. In: *IX Congreso Internacional De Investigación Y Practica Profesional en Psicología. XXIV Jornada De Investigación De La Facultad De Psicología. XIII Encuentro De Investigadores Em Psicología Del Mercusur*. Psicología, Culturas Y Nuevas Perspectivas, 2017, Buenos Aires. *Anales...Buenos Aires: Facultad De Psicología*, v. 1. p. 643-647, 2017.